



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v14.1099>

A relação negativa do cristianismo com a natureza: perspectivas ecológicas em Ludwig Feuerbach

*The negative relationship of christianity with nature: ecological
perspectives in Ludwig Feuerbach*

Kelvin Amorim de Melo¹

Draiton Gonzaga de Souza²

Resumo

O artigo aborda a perspectiva ecológica presente no pensamento de Ludwig Feuerbach, especialmente em relação ao ponto de vista negativo do cristianismo sobre a natureza. Feuerbach critica a teologia cristã por esta considerar a natureza como um mero instrumento à disposição do homem, uma vez que Deus teria dado ao último a autoridade para dominá-la. Essa visão antropocêntrica contribuiu para o desenvolvimento de uma mentalidade exploratória e extrativista em relação à natureza, resultando na destruição da natureza pelo homem. Feuerbach defende a necessidade de um rompimento com a concepção cristã de natureza a fim de estabelecer uma visão mais equilibrada e harmoniosa, na qual a natureza não seja vista como mera fonte de recursos para a satisfação das necessidades humanas, mas sim como um elemento fundamental para a preservação da vida e do bem-estar humano. Nesse sentido, o pensamento de Feuerbach pode contribuir para uma reflexão crítica sobre as perspectivas ecológicas na atualidade, especialmente em relação à crise ambiental e às discussões sobre a sustentabilidade.

Palavras-chaves: Natureza. Feuerbach. Cristianismo. Sensibilidade. Ecologia.

Abstract

The article approaches the ecological perspective present in Ludwig Feuerbach's thought, especially in relation to the negative approach of Christianity to nature. Feuerbach criticizes Christian theology for considering nature as a mere instrument

¹ Mestrando em Filosofia, com ênfase em Ética e Filosofia Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Bolsista CNPq. (PUCRS/CNPq). Participante do Grupo de Estudos em Ludwig Feuerbach (GELF).

Email: kelvin.melo@edu.pucrs.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0835-0331>

² Professor Titular e Decano da Escola de Humanidades da PUCRS.

E-mail: dsouza@pucrs.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9748-2955>

available to man, since God would have given man the authority to dominate nature. This anthropocentric view contributed to the development of an exploratory and extractive mentality in relation to nature, resulting in significant environmental damage. Feuerbach defends the need for a change in the Christian conception of the relationship with nature, to establish a more balanced and harmonious vision, in which nature is not seen as a mere source of material for the satisfaction of human needs, but as a fundamental element for the preservation of human life and well-being. In this sense, Feuerbach's thoughts can contribute to a critical reflection on the ecological perspectives nowadays, especially in relation to the environmental crisis and discussions about sustainability.

Keywords: Nature. Feuerbach. Christianity. Sensitivity. Ecology.

Introdução

*Pois insensível
É a Natureza:
O Sol brilha
Sobre maus e bons,
E aos bandidos
Resplandecem como para os melhores
A Lua e as estrelas...
(GOETHE)*

Atualmente, vemos com frequência a destruição desmedida do meio ambiente sendo levada a cabo ao redor do mundo. A transformação da natureza, através da tecnologia moderna, instigou-nos à artificialização de um novo mundo, mas sem nos atermos às consequências negativas desse comportamento de exploração da natureza, o que faz revelar certo traço antropocêntrico senão somente da doutrina cristã, mas dos monoteísmos de uma forma geral.

Feuerbach discutiu a noção de natureza a seu tempo, de forma que, sua crítica está centrada na descaracterização feita pela religião cristã sobre a natureza e os seres humanos ao distanciá-los da realidade física e real do mundo, relegando-os a uma outra natureza, num além, num pós-morte. Feuerbach faz sua abordagem ao cristianismo como religião deformadora da natureza e da humanidade, pois, concebe-os como negativos e aversivos ao conteúdo material/corporal que compõe o planeta e a própria humanidade.

Aqui buscaremos tratar a possível influência negativa que o pensamento cristão sobre a natureza gerou ao longo dos séculos, visto a defesa deste da criação *ex-nihilo* e da intervenção divina, chamada de providência, no curso da natureza através dos milagres, como também pela defesa cristã de uma vida experienciada num mundo sem materialidade no *post mortem*. Diante dessa problemática, tomamos como indagação: teria a religião cristã alguma relação com a nossa crise

ecológica contemporânea, visto sua relação instrumentalista com a natureza? É possível recepcionar na filosofia de Feuerbach uma defesa ecológica, neste sentido?

Dessa forma, temos como objetivo central deste trabalho discutir a concepção de natureza e o princípio negativo sobre ela na concepção cristã. Para isso nos basearemos na filosofia de Feuerbach, especialmente nas obras *A Essência do Cristianismo* (2012) e *Preleções sobre a Essência da Religião* (2009), como também a produção de autores que igualmente discutiram o tema da natureza ou ecologia em Feuerbach, tais como Chagas, Lima Filho, Carneiro Lopes e Souza. Ousaremos, neste trabalho, a partir das compreensões dos pensadores supracitados, sugerir que a filosofia de Feuerbach possui grande atualidade e pode, senão resolver, pelo menos propor discussões profundas sobre o tema da natureza, que está intimamente ligado a ecologia.

Na primeira seção, buscarei compreender a relação dos humanos com a religião, ou seja, com qual intenção os seres humanos buscam para si Deuses e por quais motivos fez-se necessária essa atuação dos Deuses para os humanos.

Na segunda seção, discutiremos a perspectiva cristã em relação à natureza. Para Feuerbach o cristão, por buscar a imortalidade pessoal e a salvação terrena através dos milagres, desvaloriza a materialidade, e até mesmo a abomina, por ser ela a causadora de seus males, especialmente a morte. A natureza entendida como transitória e causadora dos males faz com que os cristãos coloquem-na em segundo plano, visto que o principal objetivo do cristão é conquistar o paraíso divino sem as complicações encontradas na materialidade, na vida corpórea.

Na terceira e última sessão, tentaremos entender em que proporção essa posição instrumentalista do cristianismo em relação à natureza pode ter trazido consigo, ao longo da história, consequências devastadoras para a humanidade ocidental e sua relação com a ecologia do planeta.

1 A relação do homem com a religião

De acordo com Chagas (2021), que trabalhou amplamente sobre a obra de Feuerbach, o tema da natureza é um dos que merece grande destaque. Enquanto Reitemeyer e Cornehl trabalham o conceito de natureza nas obras juvenis de 1830, visando a superação do panteísmo e o dualismo entre espírito e natureza, Schmidt e Jessin trabalham o conceito Feuerbachiano de natureza relacionando-o à

concepção de Karl Marx e por isso estão situados entre os anos 1839-1842. Enquanto Tomasoni, Ley e Hüsser trabalham com a noção de natureza desenvolvida por Feuerbach após 1846, destacando temas como sensorialidade, a relação de dependência e a carência de natureza que o homem possui.

Para Feuerbach (2012) a religião é a primeira forma de constituição da consciência objetiva, visto que é através daquela que são instituídas as primeiras noções sobre finito e infinito, universal e particular. Nesse sentido, a religião é entendida como a subjetividade corporificada que transcende para a objetividade; é a essência dos homens individuais reunidos em um só ser autônomo, que tem como consequência necessária a infinitude, a onipotência e a onipresença. Segundo Deranty (2015) a essência humana é entendida por Feuerbach como um conjunto de qualidades reais, sensíveis, em que se ultrapassa a concepção idealista de conceitos puramente abstratos.

Chagas (2010) observa, assim, que a relação do humano com a religião trata-se do sentimento de dependência que o homem possui à natureza frente a consciência de sua limitação, de sua finitude. Aquilo que o ser humano sente que o amedronta e o faz se sentir vulnerável, como os raios e os trovões das religiões naturais, por exemplo, ele mesmo eleva-o, como se esse objeto que o provoca medo ou retira-o do bem-estar se tornasse menos ameaçador pela divinização da própria vontade de estar bem, quer dizer, o objeto de medo se torna uma divindade, que pode ser entendida, e até mesmo afagada da forma certa, para ser "controlada".

O homem busca suprir suas necessidades no ser divino, mas, exclusivamente busca suprir a necessidade de fruir a independência de ser distinto da natureza, por isso sempre procura, nas religiões, trazer os entes o mais próximo possível de uma identificação humana distanciando-se da natureza para poder exercer seu controle sobre ela (MELO, 2011, p. 228).

Para Feuerbach um homem possui uma relação intrínseca com a natureza, visto ser ela o seu primeiro contato com a realidade, o seu primeiro outro. Nesse sentido, o homem sente necessidade daquilo que mantém sua vida ativa, sua felicidade em vigor e para o homem rude, ainda distante da ciência ou da distinção dos gêneros, possui forte relação com a natureza, visto que é somente através dela e por meio dela que ele pode sobreviver. Em outras palavras, tudo aquilo que o homem se sente dependente, ele o faz ser um objeto divino, pois divina é somente sua própria felicidade e fruição.

Mas não somente da fruição e do bem-estar é feita a religião, mas também do medo. O medo é um sentimento primário que fez com que os homens se acolhessem em cavernas com medo das chuvas, tempestades e animais ferozes. A divinização da natureza se dá no mesmo momento em que os homens sentem-se abandonados, desamparados, infelizes e com medo. O agrupamento faz passar no homem o sentimento de medo que ele outrora sentia, e aparece então o sentimento de agradecimento pelo cessar dos acontecimentos que acarretam o medo, pois aquilo que o homem toma para si como ruim, penoso e agressivo ao passar o sentimento de mal-estar daí surge o sentimento de agradecimento pela interrupção do sentimento de perigo.

Nesse sentido, o homem possui uma relação ambígua com a religião, uma vez que esta proporciona para ele dois tipos de sentimentos através dos mesmos fenômenos: medo e prazer. A bifurcação do sentimento de dependência da natureza faz o homem odiá-la e amá-la ao mesmo tempo, visto que a mesma chuva que provia água para as plantações e água para os animais também poderia ocasionar grandes desastres. Esse fenômeno, defendido por Feuerbach que indicou diversas culturas como possuidoras desse mesmo mecanismo, aos dados da experiência para consolidar o argumento, utilizando os povos da África, América e Ásia do Norte.

2 Cristianismo e sua relação com a natureza

A problemática da relação negativa do cristianismo com a natureza já foi trabalhada por filósofos brasileiros ao ter como base a filosofia de Ludwig Feuerbach. Segundo Tomasoni, (2022) já em seus escritos juvenis, como a obra *Pensamentos sobre morte e imortalidade (1828)*, o problema das contradições do cristianismo já estava exposto, quando Feuerbach criticou a concepção de imortalidade pessoal da alma, doutrina defendida exclusivamente pelo cristianismo³. Outro fato que mostra que sua obra está muito ligada, como forma de crítica, ao cristianismo, mesmo que veladamente, são as diversas retaliações

³ Apesar do cristianismo não ser a única religião que defende a imortalidade da alma, assim como o budismo e o hinduísmo também o fazem, o cristianismo surge com uma nova concepção de imortalidade da alma, o cristianismo faz isso de forma peculiar em que não é mais uma força psíquica ou apenas uma energia que sai do corpo do indivíduo, mas o seu próprio corpo sai de dentro do seu corpo material, a personalidade no cristianismo adquire formas e contornos humanos, mas sem possuí-las de fato. Inclusive os gregos acreditavam na ideia de alma, mas que não pode-se comparar com a noção cristã, visto que para os gregos quando o corpo morria o substrato do corpo sequer iria lembrar da vida que teve na Terra.

sofridas pelo autor devido às suas ideias, como a perda de sua cátedra e o afastamento da vida pública e política.

O tema da natureza, tratado com muito rigor na obra *Preleções sobre a Essência da Religião*, demonstra a constatação daquilo que Feuerbach já havia escrito em *A Essência do Cristianismo* ao afirmar que “a razão não se interessa pelo homem, mas pelas coisas exteriores ao homem, pela natureza. O homem racional esquece até a si mesmo pela natureza” (FEUERBACH, 2012, p. 73).

Serrão (1999) destaca que a natureza, princípio instaurador do humano, constitui-se como sendo a única condição de Ser deste, visto que o homem vive nela e faz parte dela. O desejo humano frente aos acontecimentos naturais não possui qualquer implicância à natureza em si mesma, visto que ela é e continua sendo um objeto autônomo que possui suas “leis” próprias, independentes dos pensamentos e intenções humanas.

Para Arcanjo (2021) Feuerbach faz uma distinção entre as religiões ao longo da história e ressalta dois ramos principais de religião: as naturais e as do espírito. Nas religiões naturais o homem transforma em divino tudo a que ele se vê dependente nos aspectos físicos ou orgânicos. A religião natural, apesar de dar grande destaque aos fenômenos da natureza também possui seus malefícios por ainda antropomorfizá-los, ou seja, atribuírem necessidades humanas aos Deuses, tais como fome, sede e libido. Já nas religiões do espírito ocorre um afastamento total da natureza, da sensibilidade, como no caso do cristianismo, no qual a própria subjetividade humana, desenvolvida no seio da comunidade, é somente projetada; torna-se apenas o pensamento numa relação consigo mesmo. Em resumo, as religiões do espírito tratam daquilo que passou apenas e exclusivamente pelo processo de criação humana, tais como a moral, a justiça e a ética.

Nas religiões naturais, a autonomia e a força da natureza contrastam com a vulnerabilidade humana e coloca o homem em situação desproporcional de embate, visto a sua dependência à natureza para nascer, sobreviver e existir. O medo de pragas e enchentes bem como a alegria da boa colheita fora transferido para a religião como expressão de sentimento humano: o medo da morte, da angústia etc., que, segundo Feuerbach (2009, p. 350), “(...) é um sinal do mais profundo primitivismo quando o homem culpa uma entidade maligna pelos fenômenos naturais que contrariam seu egoísmo”.

De acordo com Souza (1994) em *A Essência do Cristianismo*, a essência da religião cristã é revelada de duas formas, visto que são analisadas sua essência verdadeira, ou seja, o conteúdo humano genérico, e sua essência falsa ou de deformação do humano real, isto é, individual. Na primeira parte é tratada a essência verdadeira da religião cristã, ou sua essência antropológica. Na segunda parte é tratada a essência negativa da religião cristã, ou seja, sua essência teológica.

A essência verdadeira da religião cristã diz respeito a algo que os humanos possuem subjetivamente, mas que somente se realiza em gênero nas potencialidades humanas como o amor, a justiça, a felicidade etc. pois a religião “[...] nada mais é senão o instinto de ser feliz, a vontade que o homem tem de ser feliz satisfeita na fantasia” (FEUERBACH, 2009, p. 274). A essência falsa da religião cristã se revela pelo seu conteúdo teológico, individualista e vulgarmente egoísta, pois “o homem imagina um deus porque sem um Deus não pode pensar em imortalidade” (FEUERBACH, 2009, p. 297).

Nesse sentido, a afetividade contida no humano enquanto gênero é exposta publicamente pelo pensamento cristão como “uma manifestação pública dos seus segredos de amor” (FEUERBACH, 2012, p. 44) que são ditos apenas de forma metafórica, em alusão aos verdadeiros interesses que se encontram na vontade subjetiva que vê a natureza como uma limitação para a realização dos desejos. Segundo Chagas (2010) o desejo do cristão é amar, mas longe das limitações e condicionamentos sensoriais. Assim, acaba por considerar que a sensibilidade é o que proporciona sofrimento a ele que, enfim, sacrifica a si e o que está a seu redor pela possibilidade de imortalidade.

A contradição aparente entre a essência do desejo e a essência da religião pode ser expressa também da seguinte maneira: os desejos do homem são arbitrários, livres de leis e refreamentos, mas a religião impõe leis, deveres e restrições ao homem. Mas os deveres são apenas os instintos, as disposições e os desejos fundamentais do homem que nos períodos e condições de incultura a religião ou deus transforma em leis, - leis estas às quais ele deve subjugar estes ou aqueles desejos e paixões especiais (FEUERBACH, 2009, p. 278).

A ambivalência dos sentimentos de ódio e amor, que é percebida no cristianismo em relação à natureza, é apenas a manifestação da própria ambivalência do sentimento humano, de sua consciência cindida entre aquilo que está no seu desejo subjetivo e entre o que está fora e independe de sua vontade, ou

seja, na natureza. A objetividade e subjetividade são resultados do ato de constrição do Eu com o não-eu, outrossim, aquele que ocupa espaço fora de mim e se revela como diferente, oposto, contrário, pois “a natureza é, face ao homem, o radicalmente outro, o *não* humano.” (SERRÃO, 1999, p. 273).

Assim, Serrão (1999, p. 294) afirma que “enquanto a polaridade inscrita na essência, a duplicidade do eu e não-eu complementa a compreensão global da subjetividade individual, constituindo “esta unidade o mistério, a essência da individualidade”. Os sentimentos,

em particular são as percepções mais finas e as representações das mais finas diferenças [...] assim os sentimentos também como apenas subjetivos, mas apenas porque eles penetram nas diferenças mais especiais, as quais não são decerto em si mesmas objeto do conhecimento propriamente dito (FEUERBACH *in* SERRÃO, 1999, p. 173).

O problema do cristianismo e sua negação à natureza ocorre em dois níveis distintos: a) o homem aceita a natureza como sua condição de possibilidade de existência e serve-se dos prazeres que são por ela proporcionados, mas também b) recusa a sensibilidade da natureza por ser exatamente a única condição para a efetivação da sua vida com todas as consequências, aleatoriedades e recusa a supremacia dessa sobre os seus corpos e destinos.

O cristianismo primitivo cumpre a tendência para a universalidade da filosofia antiga, ao superar a particularidade e diversidade dos deuses pagãos e anunciando, na figura de um Deus universal, o Espírito como unidade de todos os homens. O cristianismo medieval, institucionalizado, volta porém a consagrar o dualismo de espírito e natureza [enquanto] o protestantismo introduz o princípio da liberdade subjetiva e da emancipação civil prática, repondo, por sua vez, o dualismo, agora interiorizado como contradição de razão e fé, de objetividade e subjetividade (SERRÃO, 1999, p. 80).

Para Chagas (2010) a subjetividade do cristão é aversiva e alheia à objetividade, pois, se conceber a natureza como verdadeira, única e real, rompe sua crença na imortalidade de sua personalidade enquanto individualidade sensível num além-mundo. O medo da morte ou a vontade de perdurar pela eternidade, um dos fundamentos da religião cristã, apresenta para o sujeito uma crueldade reiterada cotidianamente através da natureza: a finitude, a aleatoriedade, a dor, o desprazer, a fealdade. Apesar de negar a sensibilidade, como se pode notar, o cristão nega-a somente na Terra, na materialidade, mas para exaltá-la no Céu, ou seja, na

imaginação, Céu que é apenas a sua ideia pura e perfeita da Terra e de felicidade, a qual parte meramente de sua fantasia descolada da realidade.

No cristianismo o homem tem como Deus a sua própria subjetividade projetada de forma fantasiosa em um ser geral composto de diversas individualidades e que ao mesmo tempo se reconhece como iguais no ser geral, que é concebido como Deus divino, autônomo, mas sem a consciência disso, pois “só a fantasia faz do nada um substantivo” (FEUERBACH, 2012, p. 60). O Deus cristão trata-se apenas da essência humana em seu local mais íntimo, a saber, os sentimentos. Assim, traz diversas consequências para a humanidade no que diz respeito às questões ecológicas e antropológicas, visto que o não reconhecimento como parte desse mundo, desse universo, dessa natureza, faz com que questões cruciais como a exploração, a pobreza e a fome no mundo, passem a ser questões secundárias ou que sequer são tratadas.

3 Consequências da negação cristã da natureza na esfera ecológica

Como dito anteriormente, o cristianismo manifesta um certo tipo de negação à natureza por considerá-la causadora dos males humanos, como um limitador imposto pelo pecado original, quando passou a existir uma dependência do corpo à natureza, à materialidade. A religião cristã possui aversão à natureza, isso pode ser percebido através da negação da sensibilidade em troca da promessa de vida no “insensível”, no além. Assim, a vida aqui no plano terreno é completamente negada para ser afirmada fora, ou seja, num pós-morte.

A conclusão é simplesmente esta: o espírito humano existe, não podemos duvidar de sua existência; existe algo invisível incorpóreo em nós que pensa, quer e sente; mas o saber, o querer e o poder do espírito humano é falho, limitado pelos seus sentidos, dependente do corpo [...] (FEUERBACH, 2009, p. 291).

No entanto, a sensibilidade apenas é possível em condições materiais pois “[...] o mundo externo contém por si um conteúdo que contradiz, segunda a vontade do cristão, um ideal de vida absolutamente ilimitada” (CHAGAS, 2010, p. 60). Também a consciência só é possível através de um corpo que possua organicidade e realidade, pois a consciência apartada do corpo é apenas pensamento, e o

pensamento não possui realidade objetiva, mas tão somente o possui na medida em que é objetivado através de uma ação do homem na própria natureza.

Sob a acusação de ter dado origem à crise ecológica por que passa o mundo, a doutrina da Criação judaico-cristã foi posta em xeque no debate hodierno da ecologia. Em geral, o discurso ecológico das últimas décadas denuncia as consequências desastrosas da legitimação da superioridade do ser humano frente à natureza, desencadeada a partir do relato bíblico da Criação (PONTE, 2012, p. 50).

Para Serrão (1999) a relação de dominação do cristianismo sobre a natureza, proposta que, segundo a autora está engendradora em todas as religiões monoteístas, aparece de forma peculiar na crença cristã por dois motivos principais: a passividade da natureza frente a ideia de criação divina e a ideia de providência. Ainda, a autora que ao mesmo tempo que toma como absurda a ideia da interferência direta de Deus na natureza, afirma que Feuerbach insere o homem nesse processo, pois os milagres de Deus são apenas para a fruição e bem-estar dos humanos, e não das plantas, animais ou outros seres vivos, e quando isso ocorre, o bem-estar das plantas e animais está direcionado a necessidade humana de se alimentar ou trabalhar.

Nas religiões monoteístas dá-se finalmente a consolidação desta tendência de redução do natural a algo de meramente físico, objecto (*sic*) de utilidade e fruição, exprimindo-se o máximo expoente da dominação em duas formas culturais típicas: uma, a subjugação da Natureza pela ideia de uma criação primordial; a outra, o providencialismo inteiramente antropocentrado da ideia de intervenção miraculosa (SERRÃO, 1999, p. 266).

O cristianismo toma para si sacrifícios para diminuir sua culpa do sentimento de pecado. Apesar da crença cristã substituir o tipo de sacrifício, como animais ou até seres humanos, a exemplo do que ocorria nas religiões pagãs, acabou por introduzir o sofrimento psíquico e o espiritual em que a penitência não é mais paga somente através do corpo, mas também através do psiquismo que trava uma luta contra si próprio para a superação da contradição entre o corpo físico e o corpo imaterial.

Numa primeira visão superficial parece paradoxal, isto é, estranho e absurdo, deduzir-se a religião dos desejos do homem, sim, até mesmo definir a divindade, a essência objetiva da religião como idêntica ao desejo, por que na religião, pelo menos na cristã, o homem implora: “Senhor, que se faça o teu desejo, não o meu”; a religião ordena o sacrifício dos desejos humanos (FEUERBACH, 2009, p. 276-277).

O prazer do espírito, ou o prazer sem o outro, é convertido na dessensibilização do pensamento, já previamente mediado pela consciência sensível que se seduz com a sua própria interioridade, com as suas necessidades desejantes enquanto indivíduo limitado, mas que se projeta até o infinito. Merece ser destacado que essa transformação da felicidade terrena em felicidade no além trouxe consigo a reminiscência histórica do funcionamento do modelo atual de sociedade em relação à ecologia. Mas até que ponto podemos inferir que a causa do problema ecológico contemporâneo também possui fundamentos na moral e ética religiosa da doutrina cristã?

Esse tema da relação entre cristianismo e suas influências sobre a ecologia foi destacado por White (1966) em seu trabalho intitulado *The Historical Roots of Our Ecological Crisis* no qual afirma que se pode conceber com bastante segurança que a crise ecológica, eclodida na contemporaneidade, possui sim raízes religiosas e que estão intrinsicamente ligadas ao cristianismo, em especial ao modelo medieval. Pelo fato de conceber a natureza como criada exclusivamente para si próprio, o cristão recebe isso como uma autorização para devastar e destruir, pois acredita que sua existência será sempre resguardada pela providência divina nesta vida ou numa vida pós-morte.

A vitória do cristianismo sobre o paganismo foi a maior revolução psíquica da história da nossa cultura. Tornou-se moda hoje dizer que, para o bem ou para o mal, vive-se na "era pós-cristã". Certamente as formas de nosso pensamento e linguagem em grande parte deixou de ser cristão, mas a meu ver a substância muitas vezes permanece surpreendentemente semelhante ao do passado. Nossos hábitos diários de ação, por exemplo, são dominados por uma fé no progresso perpétuo que era desconhecido tanto para a antiguidade greco-romana quanto para o Oriente. Está enraizado e é indefensável à parte da teologia judaico-cristã⁴ (WHITE, 1966, p. 06, tradução nossa).

Dessa forma, a defesa de uma política fundadora de uma comunidade ecológica, que estabeleça uma mediação entre o homem e a natureza, na qual se pressupõe uma postura que seja ética e fundamentalmente humana, retoma sua

⁴ "The victory of Christianity over paganism was the greatest psychic revolution in the history of our culture. It has become fashionable today to say that, for better or worse, we live in the "post-Christian age." Certainly the forms of our thinking and language have largely ceased to be Christian, but to my eye the substance often remains amazingly akin to that of the past. Our daily habits of action, for example, are dominated by an implicit faith in perpetual progress which was unknown either to Greco- Roman antiquity or to the Orient. It is rooted in, and is indefensible apart from, Judeo-Christian theology".

grande crítica ao cristianismo por esse tratar meramente do *inumanismo* e da *irrealidade* dos objetos da natureza e do sentimento, pois,

O desejo de infinitude, alimentado pelo homem na religião cristã o torna um ser arrogante frente à natureza. Ele não se sente dependente dela, tampouco do outro homem, da comunidade. A crença na providência divina evidencia que o homem pensa-se como um ser especial diante da natureza (CARNEIRO LOPES, 2015, p. 249).

A providência divina⁵ é a certeza humana que o homem tem do seu grau de maior importância dentre os outros seres na natureza diante de Deus. Defendido por Deus diretamente através do milagre, o homem recebe o *status* de superioridade diante de outros seres e da natureza, e assim, sente que pode subjugar-los como desejar para atender às suas próprias necessidades.

Carneiro Lopes (2015) destaca ser possível observar no pensamento de Feuerbach que a defesa dos animais também se mostra como uma defesa da ecologia, visto esse compreender os animais diferentes dos seres humanos somente na qualidade do sentir. Assim como os animais não humanos também possuem suas diferenciações entre espécies, o homem difere somente no grau de sentimento/sensibilidade.

O que a sensação permite em pequena escala, pela ligação mais íntima ao ser de cada ente singular, permite-o em grande escala o pensamento, o qual não perde a sua função, mas perde toda autonomia; mas alcança-o sobretudo a sensibilidade afectiva (*sic*) graças a capacidade de discriminar diferenças, de captar pormenores, de fixar a atenção aos aspectos mais particulares (SERRÃO, 1999, p. 173).

Chagas (2010) afirma que o discernimento do homem religioso sobre a realidade constitui-se apenas de uma realidade não aceita, não conformada com as próprias vontades subjetivas, da fantasia. O cristão, se rebela contra esse mundo que mostra a sua condição de vulnerabilidade e dependência e então se mostra completamente avesso e antipático àquilo que é considerado ao mesmo tempo como sua maior fonte de dor e prazer: a natureza. Mas, somente a natureza sensível, a natureza concreta, porque a natureza projetada pelo pensamento, desvirtuada e

⁵ Cf. “A providência é a convicção que o homem tem do infinito valor da sua existência (uma convicção na qual ele renuncia à crença na verdade das coisas exteriores – o idealismo da religião)” (FEUERBACH, 2012, p. 123).

completamente abstraída das limitações da sensibilidade, essa o cristão declara como seu paraíso e o possui pelo menos na fantasia, na sua imaginação.

Para Stepanha (2020) as consequências negativas desse pensamento podem abranger diversas áreas da sociedade, visto que a alienação cristã frente ao mundo natural parte do pressuposto que os sofrimentos são meios para se alcançar o paraíso. A idolatria do cristão aos sofrimentos também pode ser vista como um ressentimento sobre a impossibilidade de realização dos seus desejos fantasiosos na natureza real, visto que a mesma o impede ou limita-o de satisfazer tais desejos. Assim, compreendeu-se que pelo fato de a religião ser um objeto de dessensibilização tanto do homem quanto da natureza, o humano vê nela a possibilidade da realização das fantasias e desejos de seus afetos subjetivos delirantes.

Considerações Finais

Esse trabalho teve como intuito principal apresentar em que aspectos o cristianismo deve ser considerado como aversivo à natureza, ou seja, além de não possuir relação real com ela ainda possui certo ressentimento por considerá-la o problema que os distanciam de Deus. Sendo Deus imaterial e o homem material, Deus o positivo e o homem o negativo.

A relação problemática do cristianismo com a natureza se dá pelo fato de que a afirmação da natureza, da materialidade, necessariamente leva a negação de Deus, pois ele a criou para os humanos e assim pode mudá-la da forma que entender. A anti-naturalidade que reside nos milagres mostra que a transitoriedade terrena e a impotência diante dessas mudanças, abala o sentimento do cristão, que vê em suas ideias de Deus, milagre e paraíso, a realização dos seus desejos mais íntimos. A concepção da natureza para o cristão traduz-se na demonstração da força psíquica atuante na conservação de sua dor, que aliena a natureza ao plano da ideia e coloca-a como sendo um além-mundo que ele irá encontrar após sua morte do corpo.

Contudo, apesar da relação ambígua e contraditória que o cristão possui com a natureza é dela que ele necessita para viver. Considerar outro plano ou outra vida para saciar os desejos que não são saciados nessa vida, a única da qual temos notícias, apenas traz maior dor para aqueles que estão ou estarão um dia na Terra, visto as consequências desastrosas que são passadas de uma época para outra.

Assim, concluiu-se que a preocupação com as questões ecológicas coloca os seres humanos no centro dessa inquietação, pois é ele, e unicamente ele, o animal que destrói a natureza mesmo sabendo das consequências catastróficas para todas as espécies, para as gerações futuras ou para a nossa própria geração.

Referências bibliográficas

ARCANJO, R. F. N. Aspectos da religião natural em Ludwig Feuerbach. *Occursus - Revista de Filosofia*, v. 6, p. 178-192, 2021. Disponível: <http://seer.uece.br/?journal=Occursos&page=article&op=view&path%5B%5D=4245>

CARNEIRO LOPES, J. L. *A Política como Fundação de uma Comunidade Ecológica em Feuerbach*. *Revista Opinião Filosófica*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/676>. Acesso em: 3 jan. 2023.

CHAGAS, E. F.. *O conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach*. *Trans/Form/Ação*, v. 44, n. Trans/Form/Ação, 2021 44(3), jul. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/NwKC5G5PDkXyDYstHr64mbf/?lang=pt#>

CHAGAS, E. F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. *Philosophos. Revista de Filosofia, Goiânia*, v. 15, n. 2, p. 57–82, 2010. DOI: 10.5216/phi.v15i2.10857. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/10857>. Acesso em: 23 nov. 2022.

DERANTY, Jean-Philippe. *Feuerbach's theory of object-relations and its legacy in 20th century post-hegelian philosophy*. *The Southern Journal of Philosophy*. Volume 53, Issue 3 September. 2015, p. 286-310. Available in: <https://doi.org/10.1111/sjp.12114>

FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Editora Vozes, 2009.

FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 2. ed. Campinas: Editora Vozes, 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Gedichte: Gesamtausgabe*. Leipzig: Insel, 1992.

LIMA FILHO, J. E. *Comentário a “O conceito de natureza na filosofia de Ludwig Feuerbach”*. *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 44, n. 3, p. 69–80, 2021. DOI: 10.1590/0101-3173.2021.v44n3. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12342> Acesso em: 16 fev. 2022.

MELO, R. G. Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada. *Intuitio* ISSN 1983-4012 Porto Alegre V.4, n. 2 Novembro 2011, p.224-236. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/intuitio/article/download/9685/7225/>.

PONTES, M. *A doutrina judaico-cristã da criação face à hodierna crise ecológica: aproximação histórico-teológica a partir da crítica de Lynn White Jr.* Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.3 n.1 (2012). Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/1613/1950>

SANTOS, João Batista Mulato. *Gênero humano, indivíduo e natureza em Ludwig Feuerbach*. 2016. 99f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Fortaleza (CE), 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19712>

SERRÃO, A. *A humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral* / Adriana Veríssimo Serrão / Fundação Calouste Gulbekian fundação para ciência e tecnologia, Braga, 1999.

STEPANHA, N. *As bases do pensamento de Feuerbach e o processo da alienação*. Nelson Stepanha. – 1. ed. Curitiba: Aprris, 2020.

SOUZA, D. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre, 2. ed. 1994. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado.

WHITE, L. *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*. Lynn White. 1967. Science 155: 1203-1207. Available in: <https://www.emu.ca/faculty/gmatties/lynnwhiterootsofcrisis.pdf>

*Recebido em: 07/03/2023.
Aprovado em: 13/06/2023.
Publicado em: 12/07/2023.*